

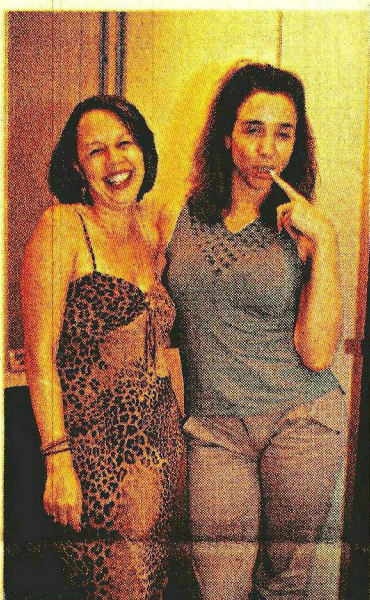
MARISA ORTH

A Brasil Telecom patrocina as atletas Rebeca Gusmão, Mariana Ohata e a equipe feminina de vôlei, destaques brasilienses no esporte.

Brasil Telecom

DE TODOS OS BADULAQUES

Fotos: Zuleika de Souza/CB



Brasília é em tudo peculiar. Não nasceu de próspero cruzamento de estradas ou de grande árvore onde cavalos de tropeiros procuravam sombra. Um arbitrário teodolito, inútil aliás, dada a topografia pouco acidentada do Planalto, deve ter sido plantado e então se decidiu que aquele seria o marco zero.

Uma cidade decidida. Inventada.

Conheci um francês que disse ter passado a vida inteira fantasiando com Brasília, pensando em um dia se mudar pra lá e inaugurar uma nova identidade. Provavelmente ilusória, essa sensação de extrema liberdade me soa incrível e assustadora. Sempre achei que Brasília foi idealizada como um avião, mas a idéia original é a de uma borboleta. Dá até para pensar que o inseto só foi escolhido por ser o único bicho que tem a chance de mudar de forma e modo de vida.

Democrático, o Plano Piloto.

Aprecio a concepção modernista da cidade. Mas tudo isso é chover no molhado – por favor, acreditem, a metáfora não é de forma alguma provocativa –, o fato é que me chamaram para passear em Brasília e escolher algo sobre o que falar. Não queria falar nem de Lucio Costa, nem de Oscar Niemeyer, nem da esfera pública. Queria escrever sobre outra cidade.

Queria falar dos habitantes desta cidade *teenager*, sem adiposidades, talvez por ter nascido em Sampa, vetusta senhora de 450 anos. Venho da cidade campeã das acomodações orgânicas e horrendas, da poluição visual, do “tumulto estético” – expressão que aprendi com meu anfitrião aí mesmo em Brasília.

A idéia era passarmos em um ministério, para brincar com a minha participação em *Os aspones*, seriado no qual perpetrei fictícia funcionária pública, que trabalhava em repartição cujos cinco funcionários não tinham nada para fazer.

Lá estava eu, etiquetada no peito por recepcionistas do Ministério da Saúde, com um medo óbvio, afinal ouvi burburinhos de que alguns servidores não gostaram do programa por se sentirem caricaturados.

VESTIDO DE ONCINHA

Logo na primeira sala, a da Assessoria de Imprensa, fui recebida calorosamente – acho que o humor me aproxima carinhosamente das pessoas. Mas as piadinhas foram inevitáveis: “Veio aqui para ver como a gente não trabalha?” ou “Amigos me perguntam sobre a vida boa que levo. Entro às oito e saio às seis. Trabalho como um condenado”.

Perguntei se não sentiam falta da emoção jornalística, se não seria tedioso atrelar suas capacidades investigativas aos relatórios oficiais. Alguns disseram preferir cobrir o Congresso, palco de trepidantes reviravoltas, mas percebi que havia uma genuína alegria em divulgar as conquistas e os progressos obtidos por meio do ministério. “É tudo do bem!”, me disse uma jornalista-chefe.

Porém, e já estava mais que na hora de haver um porém, fui reparando nas mesas a quantidade incrível de “badulaques afetivos”. Fotos e mais fotos, duendes, mini-berimbaus, monstros em argila, tamanquinhos de *recuerdos* da Holanda, lembrancinhas de aniversários, batizados, casamentos, berrantes em miniaturas, coleções de corujas e sapos.

A coisa começou a tomar vulto quando, no gabinete do ministro, ausente por conta da Operação Vampiro, encon-

trei ao lado de imagens de santos católicos, cesta holística contendo patuás, incensos e cristais. Ao lado, miniaturas de bandeiras, do Brasil e do Náutico Futebol Clube. Fui seguida de perto por assessoras tão extremosas com o chefe, que ameaçaram me rogar praga caso eu fosse dolosa nos comentários com o ministro.

Foi neste momento que comentei a informalidade das roupas. A secretária do ministro trajava ousado vestido de oncinha. “Sexta-feira, *casual day*, funcionário público também é gente!”, bradou-me a mais inflamada de minhas acompanhantes.

FESTA NO APÊ

Quando estávamos de saída, uma caixa de vinhos surgiu em nossa frente como que por encanto e foi levada eficientemente ao mais discreto de todos os jornalistas. Ele me jurou que seria para festinha em seu apartamento, depois do expediente.

Aahhhh! Os apartamentos... E a humanidade, naquele quase final de semana começava a porejar inapelavelmente. Logo que pisei na cidade, o mesmo editor anfitrião, baiano de Salvador, contou-me que só depois descobriu que “as coisas rolam é nos apartamentos...” Depois do ministério, fomos conhecer dois deles, imensos e vizinhos na quadra X (nem pensar em lembrar do endereço). Mais uma vez, os carinhosos badulaques ocupavam espaço considerável. E o que dizer das geladeiras? Museus de traquitanas magnéticas e adesivas, com dizeres de todo tipo, ocupando 30% das brancas superfícies. As famílias, aliás, só tinham em comum a abundância “baduláquica”.

Não vai aí nenhuma observação ao bom ou mau gosto das residências, mas vocês talvez não se apercebam que estão irremediavelmente rodeados de pequenos objetos ditos inúteis. Então, a óbvia constatação: não há de ser possível morar em Brasília, a cidade mais *clean* e *cool* do planeta, a mais enxuta em sua concepção visual, a mais aparentemente racional, e não se cercar de badulaques que te remetam a uma existência mais orgânica.

Sei que é linda e tudo e tal, mas constatei que este *feng-shui* prussiano, esta ordem modernista de cima para baixo e a aparente ausência de parâmetros comportamentais podem ser incapazes de conter nossa barroca existência.

A cidade é chique demais, gente! E nossa vidinha, comezinha e tantas vezes animal, afeiçãoável a hábitos e lembranças, como se aninha em meio aos espetaculares contornos do Plano Piloto?

“A carne é reacionária”, disse-me uma vez um amigo em lance definitivo. Nada mais contra-revolucionário que o acumular incessante de objetos que os façam lembrar de si mesmos, de suas personalidades. Provavelmente tio Lúcio e tio Oscar não iriam gostar nada disso...

Os brasilienses é que são Brasília, e entendo por brasilienses também aqueles que a adotaram como segundo lar. Desde o motorista que disse ter vindo do “Pi-a-uái”, até meu amigo baiano que suspeita que irá estranhar Salvador, se um dia voltar pra lá.

As pequenas arquiteturas particulares, as modestas contribuições estéticas de cada ser adorável que conheci por aí é que ficarão pra sempre no meu cartão-postal mental.

Voltei para casa com o coração quentinho, sentindo um amor por Brasília quase brega, de tão terno.

(QUEM É)

A paulistana Marisa Orth é intérprete que circula por todas as linguagens. Versátil, fez dramas e tragédias no teatro criando contraponto com personagens hilárias de novelas e seriados como *Sai de Baixo* e *Os Aspones*. Entre outros filmes, participou de *Doces Poderes*, rodado em Brasília em 1996. Mostrou mais uma faceta ano passado no programa feminino *Saia justa*, do GNT.

Marisa Orth